



A Santa Sé

DISCURSO DO PAPA JOÃO PAULO II AOS PEREGRINOS PROVENIENTES DAS DIOCESES DE TÉRNI, NARNI E AMÉLIA

Sala Paulo VI

Sábado, 20 de Março de 1982

Caríssimos Irmãos e Irmãs

*da Diocese de Térni e Narni e da Diocese de Amélia*¹. Tenho o prazer de me encontrar convosco hoje, para recordarmos juntos a minha visita de há um ano a Térni, por ocasião da festividade de São José, Patrono do mundo do trabalho, e recordar ao mesmo tempo aqueles motivos que devem sustentar e animar o vosso testemunho cristão. Viestes numerosos a Roma para regressar às origens das vossas Igrejas locais, fundadas pelos Santos Pastores, que, partindo da Cidade Eterna, chegaram às vossas regiões, para nelas desempenhar a sua missão evangelizadora. Quereis encontrar-vos com "Pedro", que preside à caridade de todas as Igrejas e vive nos seus Sucessores. Sede pois bem-vindos e recebei a minha afectuosa saudação e o meu agradecimento, que dirijo primeiramente ao vosso caro Bispo Dom Bartolomeu Santo Quadri, também pelas nobres palavras que desejou pronunciar em vosso nome; e a vós todos, com particular pensamento para as diversas associações de Trabalhadores e de Jovens, que em bom número representais, e cujos sentimentos foram tão bem interpretados. O meu reconhecimento vivíssimo dirige-se em seguida às Autoridades Cívicas, com especial menção para o Senhor Prefeito, o Senhor Presidente da Província, o Senhor Presidente da Câmara de Térni, e para todos os outros Presidentes de Municipalidades, evocando o contributo generoso e válido oferecido por ocasião da minha visita à vossa Cidade, e pela sua presença hoje, a qual realça a importância de uma acção comum para a salvaguarda dos valores morais da Comunidade civil.² Conheço a situação das vossas Igrejas locais e também o contexto social das vossas Comunidades, descritos ainda recentemente pelo vosso Bispo por ocasião da "*Visita ad limina Apostolorum*"; são-me portanto conhecidas as dificuldades que hão-de rodear uma acção perseverante e eficiente, dirigida não só ao progresso do bem-estar económico, mas também à maturação humana e cristã, especialmente das jovens gerações de personalidades abertas sobre o mundo e os seus irmãos. Em particular conservo no meu coração uma querida e inapagável lembrança do encontro no banco de trabalho de muitos de vós e, depois, durante a tarde, junto do estádio na celebração eucarística, também com a presença das famílias. A todos os trabalhadores renovo a expressão do meu afecto, assegurando-lhes que a Igreja está sempre a seu lado, e para cada um augurando adesão sempre maior ao Evangelho do trabalho,

proclamado pelo Filho de Deus que desejou trabalhar com as próprias mãos e ser considerado pelos seus contemporâneos como o filho do carpinteiro de Nazaré. Hoje, todavia, quero dirigir-me de maneira especial aos jovens, seja para cumprir a promessa, recordada pelo Bispo, de um encontro particular com eles, seja porque estão aqui presentes em número considerável, seja ainda porque neles se encontra a comunidade de hoje e sobretudo a de amanhã, enquanto as outras componentes sociais são, em certo sentido, polarizadas pela vontade de contribuir para a formação dos próprios jovens. Ao falar-vos, caros jovens, pretendo não exagerar a análise, repetida por demasiadas partes, dos aspectos negativos da vossa presente condição. Chegou sem dúvida o tempo de aplicar os remédios, com acção enérgica, e sobretudo com intrépida esperança, fundada na investigação comum do verdadeiro bem e na segurança da ajuda de Deus, que não pode faltar a quantos põem os próprios recursos ao serviço de causas nobres e meritórias.³ Os jovens formam-se na família, na escola e na Igreja. Diante desta simples verificação, primeiro que tudo apresenta-se como lógica a necessidade, por parte dos jovens, de reconhecer e aceitar o esforço educativo e formativo dos adultos, que têm responsabilidade de guia no meio dos três mencionados organismos sociais. O jovem, instintivamente levado à afirmação exagerada da própria autonomia pessoal, no seu crescimento e na sua maturação depende de quem o vence pela idade, pela experiência e pelo conhecimento e método. Deverá portanto colocar-se numa atitude de confiança, humildade, colaboração e obediência, mesmo no quadro do diálogo e da recíproca estima. Para afastar tanto os perigos do autoritarismo como os da anarquia e do individualismo, é necessário recuperar o valor da obediência responsável e da paciência confiante, que não podem existir sem a oração e a formação para o sacrifício. Por outro lado, os pais, os professores e os sacerdotes deverão assumir totalmente as próprias responsabilidades, oferecendo uma preparação pedagógica, psicológica e espiritual, como é requerida por um esforço tão árduo e exaltante, que, valorizado pelo testemunho, isto é pela exemplaridade vital, exige continuidade, metodologia e sobretudo espírito de generosa dedicação. Diante da crise juvenil, que, bem interpretada, apresenta implicitamente o pedido de válidas e novas propostas de co-responsabilidade educativa, os agentes da pastoral familiar, escolar e eclesial, mesmo entre as dificuldades do "pragmatismo" e do "permissivismo", devem realizar um acordo acerca de autênticas propostas formativas, fundadas na dignidade do homem e no seu transcendente destino, de maneira que os jovens se sintam apoiados, por toda a parte, com indicações e estímulos igualmente orientados. A dominante preocupação será, por isso, a de criar a harmonia entre os diversos responsáveis da educação juvenil, sem maravilhar-se se os efeitos não são sempre devidamente consoladores e visíveis.⁴ A formação dos jovens tem como fim o trabalho e a vida social, isto é um empenho que, ao mesmo tempo que satisfaz as necessidades e as aspirações dos particulares, realiza o bem de todos. A importância do trabalho, que enche uma larguíssima margem da mesma vida social, foi objecto de atenta reflexão por parte da Igreja ainda em Documentos recentes. Na Carta Encíclica *Laborem Exercens* lê-se: "A Igreja está convencida de que o trabalho constitui uma dimensão fundamental da existência do homem sobre a terra. E ela radica-se nesta convicção ao considerar todo o património das múltiplas ciências..., mas sobretudo a fonte da Palavra de Deus revelada; e, por conseguinte, aquilo que para ela é uma convicção da inteligência, adquire ao mesmo tempo o carácter de uma convicção de fé" (n. 4). A tendência geral, lógica, das aspirações humanas, também a respeito do trabalho, é a do bem-estar satisfeito e realizado, com o perigo de uma idealização desproporcionada de metas somente terrenas e hedonistas. Tal tendência é sempre acompanhada por uma emotiva exasperação diante de qualquer forma de incómodo e sacrifício, previstos também para um futuro cheio de ameaças. Pelo que diz respeito de perto ao mundo do trabalho, apresentam-se actualmente duas graves dificuldades: o desemprego e a "repugnância" por um trabalho pesado, monótono, menos livre e menos responsável. Desta descrição sintética deriva que, exercer uma obra formativa dos jovens para o trabalho e a vida social, significa sobretudo formar-lhes a vontade: vontade de adquirir penosamente com o estudo e a experiência as qualidades profissionais necessárias; vontade de contribuir com a própria energia para o

bem da comunidade inteira, na consciência de ser parte de um todo, no qual estamos responsabilmente inseridos; vontade, por fim, de aceitar as características dialécticas e conflituais da história, sem pretender. nem a facilidade nem a perfeição. Nada é fácil e nada é perfeito. Tudo exige fadiga, esforço e sofrimento.⁵ Diante de um programa de formação tão exigente, a missão da Igreja é de animar e alimentar, mediante a Palavra de Deus e a vida da Graça, essas justas perspectivas e esses necessários esforços. O cristianismo é, primeiro que tudo, mensagem de salvação, uma proposta a uma chamada, uma boa semente no meio da cizânia, semeada esta no campo da história e por isso das nossas cidades, das nossas Dioceses, dos lugares onde decorre a vida quotidiana. É necessário portanto que os responsáveis pela pastoral — Sacerdotes, Religiosos, Religiosas e Leigos — aumentem o seu zelo, multipliquem as suas iniciativas, tendentes a apresentar aquela mensagem e a depositar aquela semente, por outras palavras, à verdadeira formação da "consciência cristã", iluminada pela Revelação divina e pelo ensinamento autêntico e perene da Igreja, projectada no sentido dos grandes ideais evangélicos da vida da graça e do empenho na caridade. Com o desenvolvimento de tal obra formativa, criam-se pressupostos válidos e eficazes para a interior animação da escola, dos grupos de amizade, de cultura, de solidariedade e de preparação profissional, ao mesmo tempo que aos jovens mais dotados e chamados se apresentam ideais mais exigentes, tais como um responsável empenho no campo político e sindical, ao serviço da comunidade civil, e uma vida totalmente consagrada a Deus e à Igreja.⁶ Caros jovens, quis, neste encontro, enfrentar mais directamente os vossos problemas que são também os da família, da escola e da Igreja, lugares fundamentais da vossa formação, e falando a vós tive presentes os vários sectores das comunidades civis e das Igrejas locais de Térni e Náрни e de Amélia. Desejo, por último, animar todos a prosseguirem no próprio caminho de fé, com vigor cada vez maior, vencendo os momentos e os motivos de crise, confiando no auxílio do Senhor e no patrocínio da Virgem Santíssima, tão venerada em Térni sob o título de Mãe da Misericórdia. Desejo-vos aquela felicidade que brota da recta consciência, a qual eu invoco do Céu para cada um de vós, para as vossas famílias e as vossas casas, enquanto vos acompanho, ao longo dos quotidianos caminhos do vosso esforço humano e cristão, com a minha afectuosa Bênção Apostólica. ©

Copyright 1982 - Libreria Editrice Vaticana